

JUVENTUDES, FUTEBOL E PROJETOS DE VIDA: PERSPECTIVAS DE FUTEBOLISTAS DAS CATEGORIAS DE BASE DE UM CLUBE PAULISTA

Bruno Martins Ferreira / ProFut¹-Universidade Federal de São Carlos

Ana Cláudia Bianconi / ProFut-Universidade Federal de São Carlos

Caio Pereira Cotta / ProFut-Universidade Federal de São Carlos

João Batista Coutinho Netto / ProFut-Universidade Federal de São Carlos

Marina Molina Buffo / ProFut-Universidade Federal de São Carlos

Milena de Bem Zavanella Freiras / ProFut-Universidade Federal de São Carlos

Osmar Moreira de Souza Júnior / ProFut-Universidade Federal de São Carlos

Raquel Fantinelli Munhoz / ProFut-Universidade Federal de São Carlos

brunomartinsufscar@hotmail.com

PALAVRAS-CHAVE: futebol; categorias de base; projetos de vida; juventudes

INTRODUÇÃO

Os jovens se caracterizam por viverem em um contexto de incertezas, porém são reconhecidos pelo seu ímpeto, mesmo estando constantemente em conflito com suas formas de atuação na sociedade. Nessa perspectiva muitas vezes encontram no esporte, atributos que os auxiliam a significar e dar sentido em suas vidas.

O futebol surge nesse cenário como o esporte mais popular do Brasil e do mundo. A imensidão de seu alcance global é constatada pelo website da Fédération Internationale de Football Association (FIFA), órgão máximo do futebol mundial, que chama-nos a atenção pelas suas 209 federações afiliadas (FIFA, 2014), se denominando “ONU do futebol”, em analogia a Organização das Nações Unidas, que apresenta em seu website oficial o registro de 193 países-membros (ONU, 2014). Essa modalidade é tradicionalmente difundida no cotidiano da população pelos aspectos históricos, sociais, geográficos, culturais, políticos, entre outros por meio principalmente de veículos midiáticos de comunicação.

¹ ProFut – Grupo de Estudos e Pesquisas dos Aspectos Pedagógicos e Sociais do Futebol. Sediado no Departamento de Educação Física e Motricidade Humana (DEFMH) da Universidade Federal de São Carlos-SP (UFSCar).

Atenta ao que se propaga em relação ao futebol como negócio/mercado, a população, principalmente de baixa renda, vislumbra ascender socialmente por meio do ingresso de seus filhos homens na carreira futebolística. Mobilizados por um imaginário coletivo, que instituiu a ideia de que os futebolistas detêm uma situação econômica que os assegura conforto e tranquilidade no transcurso de suas carreiras e posterior a elas, muitas dessas famílias investem seus esforços no sentido do ingresso para essa suposta carreira de sucesso.

Dentro deste cenário entendemos que o futebol ganha muito espaço na vida dos jovens. A ideia de que os futebolistas acumulam fortunas às custas apenas de um suposto talento ou dom (GIGLIO et al., 2008), mascara uma série de mazelas que permeiam a carreira desses profissionais, na medida em que os meios de comunicação contribuem para a legitimação de uma compreensão glamorosa da profissão, repercutindo quase que exclusivamente sobre as histórias bem sucedidas de jogadores provenientes de classes subalternas, que através do futebol ascenderam profissionalmente e conseguiram assegurar um maior conforto às suas respectivas famílias.

Damo (2007) revela o equívoco contumaz de tal perspectiva, na medida em que a profissão exige altos investimentos em termos de tempo para a formação de um futebolista, algo que segundo o autor corresponderia a um curso superior, ou aproximadamente 5000 horas. Acrescenta-se a isso o fato desse alto investimento não garantir qualquer expectativa de retorno, conforme apontado pelo por Helal (2005, citado por ROCHA et al., 2011), que revela dados da Confederação Brasileira de Futebol (CBF) de 2009, que apontavam que 84% dos jogadores de todas as divisões do futebol profissional do Brasil, recebiam salários de até R\$ 1.000,00, 13% recebiam entre R\$ 1.000,00 e R\$ 9.000,00 e apenas 3% recebiam acima de R\$ 9.000,00 por mês. Some-se a isso a precarização das carreiras dos futebolistas do ponto de vista da estabilidade do emprego, na medida em que matéria do jornal **Folha de São Paulo**, do dia 14 de março de 2010 – “No país da bola, futebol se torna um subemprego” – revela que dois terços dos contratos de jogadores registrados na CBF têm duração de até quatro meses, fazendo da profissão um serviço temporário (COBOS, 2010).

Mesmo diante de todos os riscos apontados, Damo (2007) admite que a carreira futebolística exerce um fascínio nos jovens, fazendo-os minimizar, ou mesmo ignorar

tais adversidades, investindo todas as energias nesse projeto, o que muitas vezes culmina em lacunas na formação escolar tributária de uma ilusória e superestimada demanda de carga horária consumida pelas rotinas das categorias de base dos clubes de futebol.

O futebolista Paulo André, relata de forma precisa em seu livro “O jogo da minha vida: histórias e reflexões de um atleta”, os dramas e dificuldades impingidos na profissão de futebolista. Através de sua narrativa Paulo André demonstra as várias facetas da formação de jogadores, deixando claros os dilemas vividos por garotos que dedicam todo o seu esforço, de um futuro melhor, somente em uma vertente de atuação do mercado de trabalho, o que corrobora uma tarefa de alto risco e baixa garantia.

Damo (2007, p. 169) indica a falta de preocupação em relação à formação de futebolistas ponderando “Os meninos em formação não são ventrículos de quem quer que seja. São sujeitos, como outros quaisquer, empenhados na realização de seus projetos, referidos seguidamente como sonhos”.

Nos chama a atenção a contraposição apontada por Damo (2007) em relação aos campos dos sonhos e dos projetos dramatizados pelos jovens futebolistas e, diante de argumentações dessa natureza se torna necessário compreendermos de que forma e onde se encerram os projetos de vida desses meninos. Para tanto, partilhamos do ponto de vista de Leão, Dayrell e Reis (2011):

A ideia de projeto de vida remete a um plano de ação que um indivíduo se propõe a realizar em relação a alguma esfera de sua vida (profissional, escolar, afetivo etc) em um arco temporal mais ou menos largo. Tais elaborações dependem sempre de um campo de possibilidades dado pelo contexto socioeconômico e cultural no qual cada jovem se encontra inserido e que circunscreve suas experiências. (p. 1071-1072).

Alinhado com esse conceito, Velho (1987) afirma que projeto refere-se a uma perspectiva racional de perseguir finalidades específicas, ligado à forma como um indivíduo opera com o desempenho e as opções assentadas em um dado contexto sociocultural. O autor complementa, dizendo ainda que os projetos são formulados pelos indivíduos que se movem, combinando pressões sociais diversas, mas com um repertório básico de alternativas e opções que configura o campo de possibilidades para agir e planejar projetos de vida. Tal campo de possibilidades, segundo Chan-Vianna

(2010) está circunscrito histórica e culturalmente, tanto em termos da própria noção de indivíduo, como nos temas, prioridades e paradigmas culturais existentes.

Assumir os projetos como planos de ação e perspectiva racional de perseguir finalidades, significa afastar-se da dimensão do sonho ou do desejo que deve ser entendida como simples intenção desprovida de planejamento de metas e ações estratégicas que as viabilizem. É nessa linha de argumentação que Schutz (1979, citado por LEÃO, DAYRELL e REIS, 2011, p. 1071) admite que “o projeto de vida seria uma ação do indivíduo de escolher um, entre os futuros possíveis, transformando os desejos e as fantasias que lhe dão substância em objetivos passíveis de serem perseguidos, representando, assim, uma orientação, um rumo de vida”.

Em estudo no qual analisa o modo de ser jovem de sujeitos ligados aos universos do *rap* e do *funk*, Dayrell (2003, p. 49) admite que existe uma confusão entre projetos de vida e sonhos e desejos, afirmando que “esses sonhos e desejos não se concretizam necessariamente em projetos de vida, e quando o fazem, se mostram fluidos ou de curto alcance”. Percepção essa, compartilhada por Damo (2007), que, conforme já mencionamos, compreende que os jovens futebolistas referem-se aos seus projetos de vida como sonhos.

Conhecer desses garotos o que perspectivam como projetos de vida, e como se mobilizam é fundamental para enxergarmos os meios que utilizarão para alcançar esse fim, bem como a que tipo de situações porventura se submeterão em busca da realização do sonho de se tornarem futebolistas.

É nesse sentido que o presente estudo teve por objetivo analisar as narrativas de futebolistas das categorias de base de um clube do interior de São Paulo, a respeito de seus projetos de vida.

ABORDAGEM METODOLÓGICA

Para cotejar os referidos objetivos realizamos entrevistas com 14 futebolistas da categoria sub-17 do clube, tratando de seus projetos e das interfaces com escola, profissões e futebol. A pesquisa foi desenvolvida com enfoque qualitativo (BOGDAN; BIKLEN, 1994), tendo por base entrevistas semiestruturadas (NEGRINE, 2004), que foram realizadas pelos membros do ProFut, com a utilização de gravadores de voz

digitais. Essas entrevistas foram realizadas nas dependências do próprio clube, em dois dias, próximo ao horário de treinamento dos participantes, em dezembro de 2013.

O questionário que orientou as entrevistas foi composto por 32 questões divididas em três blocos: relação com a escola, relação com o clube e projetos de vida. Procuramos fazer a entrevista como se fosse uma conversa para que o futebolista entrevistado se sentisse mais tranquilo e confortável para discorrer sobre os temas das questões de maneira espontânea e autêntica.

As transcrições foram feitas na íntegra e optamos por preservar a fala dos sujeitos em sua estrutura original (mantendo contrações e interjeições como "né" e "tá", por exemplo), mas promovendo eventuais adequações no intuito de ajustar a fala à ortografia, quando julgamos que tal expediente não causaria comprometimento ao sentido geral da sentença (como nos casos em que o entrevistado dizia "vamo", "nóis", "futibol", "jogá", por exemplo, e que adequamos "vamos", "nós", "futebol", "jogar").

PROJETOS DE VIDA DE JOVENS ASPIRANTES A FUTEBOLISTAS

Segundo Souza Júnior, Ferreira e Coutinho Netto (2013), o clube pesquisado apresenta em seu projeto de trabalho, disponível em seu *website*, uma proposta voltada para a formação da cidadania, articulada a uma ênfase na formação escolar expressa pelo lema “Bom na escola, bom de bola!”. Tal perspectiva foi corroborada na pesquisa dos autores, por meio dos depoimentos de dois treinadores das categorias de base do clube que destacam sua preocupação com o rendimento escolar dos atletas, sem perder de vista o investimento feito por eles e pelo clube para que os meninos sejam bem sucedidos em uma eventual carreira futebolística que possa inclusive alavancar a ascensão econômica e social das famílias desses garotos.

Tomando como referência as falas dos sujeitos do presente estudo, notamos que os garotos aparentam demonstrar uma paixão pelo futebol que se confunde com as reais chances de seguir na profissão de futebolista, o que tende a tornar difusas suas interpretações em relação aos projetos de vida, que muitas das vezes aparecem em seus discursos expressos por meio de alusões a seus sonhos e desejos.

Quanto à formação escolar foi feito o seguinte questionamento aos futebolistas: *"o que você acha que vai ser mais importante para o seu futuro: a escola ou o futebol?"*, sendo que em suas respostas identificamos uma simetria muito grande entre os jovens que valorizam a importância da escola e os que defendem que o futebol é mais importante para seus futuros. No entanto, fica evidente que a escola é vista pelos

mesmos como uma espécie de projeto alternativo, para o caso de não virem a se tornar profissionais do futebol. Os garotos vivem o futebol no seu dia a dia, apesar de demonstrarem consciência de que "ser um jogador profissional" pode estar distante de suas possibilidades, sendo encarado como um sonho, alçando a escola e os estudos à condição de uma alternativa de segurança, muito mais do que um desejo de estudar e ter uma outra profissão de fato, como pode ser observado na fala de um dos entrevistados:

[...] o futebol é um sonho, mas a escola é o mais importante, porque futebol não é garantido que você vai... Por enquanto é um hobby, um sonho que você vai até onde der; na hora que não der mais, se dedicar mais aos estudos que vai ter mais (Rodrigo², 16 anos).

A fala de outro entrevistado realça de forma ainda mais nítida o contorno secundário atribuído por grande parcela desses futebolistas à formação escolar: “Então, se não der certo de ser jogador, eu vou também querer estudar, fazer cursos, essas coisas, porque... fazer faculdade também” (Jonas, 15 anos).

Rocha et al. (2011) lembram que nas últimas décadas o país passou por um processo de democratização da educação básica, que, no entanto, não se fez acompanhado da melhoria na qualidade da formação oferecida, repercutindo em uma relativa rejeição da instituição escolar por parte da juventude.

Embora quase todos os entrevistados de nosso estudo admitam que pretendem ter o futebol como profissão, ao serem questionados em torno dessa realização - “você acha que é fácil ou difícil ser um jogador de futebol?” e “o que é preciso para ser um jogador de futebol profissional?” - os futebolistas deixaram claro as dificuldades da rotina de treinamento, o esforço exacerbado em função de aspectos físicos e da ampla concorrência, além de destacar a sorte e a presença de um empresário como fatores seletivos, deixando clara a preponderância de fatores que fogem do controle desses jovens no delineamento do funil do “celeiro de craques” do futebol brasileiro, trazendo à cena o mito do “dom de jogar bola” (DAMO, 2007; GIGLIO et al., 2008).

Ah, difícil não é tanto, mas tem muitas barreiras assim, ser jogador de futebol. É muito disputado assim, é difícil, tem que ter um pouco de sorte, talento assim. [...] Ah, tá no lugar certo na hora certa assim; em um jogo importante você se destacar, às vezes você não tá no seu dia, você não vai bem, mais ou menos isso (Olavo, 16 anos).

² Os nomes de todos os jovens entrevistados são fictícios

Por que é muito moleque, é a profissão que mais tem moleque querendo ser né. Eu acho que já foi o sonho de qualquer um, não sei, mas todos sonham com isso e é muito difícil que é muito moleque para pouco time, com bastante condições. (Kaio Alves, 16 anos)

A fala de Kaio vai ao encontro da perspectiva defendida por Damo (2007), em sua argumentação com relação ao Brasil ser considerado um celeiro de craques em virtude do excedente de pés-de-obra derivado desse grande contingente de jovens que sonham viver do futebol, que se contrapõe a um mercado clubístico relativamente reduzido e estável.

Soares et al. (2011) lembram que esse grande contingente de aspirantes a craques, em geral, possuem algum capital futebolístico que os credencia a se engajar em tal disputa. Contudo, corroborando a percepção de nossos entrevistados, os autores compreendem que apenas o capital futebolístico não seria suficiente para tornar esse projeto sustentável. Nesse sentido, outras competências são exigidas para que o candidato suporte as exigências do treinamento intenso, a disciplina imposta aos seus corpos e comportamentos e o agenciamento comercial condizente com o acesso aos mais disputados postos de trabalho disponíveis.

Rocha et al (2011) destacam que o processo de seleção enfrentado por esses jovens que almejam uma carreira profissional no futebol, também conhecido como "peneiras" demonstram como a procura por um posto de trabalho é muito maior que as possibilidades reais oferecidas a eles no futebol, configurando, assim, um ambiente propício a atuação de clubes e empresários.

Ainda diante do cenário que se estabelece em relação à presença do agente/empresário, Damo (2007) nos deixa claro o papel de destaque que tal figura assumiu no universo da formação de futebolistas:

Ter um agente/empresário é um signo de distinção entre os meninos em formação, e não sem razão. Não ter agente/empresário ou ter vínculo com os de má reputação, isto sim é que é desprestigiado, de quem não tem seus capitais futebolísticos reconhecidos” (p.122).

O fato de ter ou não empresário, na fala de um dos garotos, ainda é entrelaçado à difícil equação traduzida pela relação entre o desempenho que eles demonstram nos jogos e as oportunidades que recebem pelos treinadores:

Assim, empresário que, por exemplo, você tá jogando melhor do que o cara, mas o cara é o empresário. Tipo, o outro que tá jogando na mesma posição tem empresário mais forte, dá o dinheiro, essas coisa aí complica (Marcos Tardeli, 16 anos).

Pensando que a parceria agente/empresário e jogador segue em uma via dupla, de vantagens para todos, os garotos não pensaram nas consequências de se ter um agente/empresário. Rocha et al (2011), afirma que o futebol não é uma atividade lucrativa e rentável apenas aos aspirantes a ídolos do esporte, na medida em que clubes e empresários se mobilizam para garantir um bom retorno financeiro na negociação dos jovens talentos. Assim, a prática de investimentos por parte de clubes e empresários, bem como a vigília em torno dos jovens talentos objetiva o incentivo e alimenta o sonho desses garotos; e em muitas ocasiões extrapolam barreiras e a sedução alcança os familiares, com ofertas de emprego para os pais ou mesmo auxílio financeiro.

Ao fazermos essa explicitação e levantarmos a questão da ciência dos jogadores quanto aos empresários, queremos colocar em pauta se “as cartas são colocadas na mesa” para esses garotos que sonham em ser futebolistas profissionais. O que parece estar claro para os entrevistados, por exemplo, é que se deve investir no sonho de ser jogador profissional, no entanto esse sonho tem prazo de validade para a maioria deles.

As respostas ao questionamento sobre até quando eles querem investir nessa profissionalização do futebol, apontam que grande parte dos 14 meninos afirma que até em torno dos 18 anos tentariam crescer profissionalmente e que se isso não acontecesse, tentariam outro projeto de vida.

Se não conseguir o sub-20 essas coisa assim aí já paro logo e começo a trabalhar (Marcos Tardeli, 16 anos).

Eu acho que até uma idade assim, não tem no máximo, mas eu pretendo até ano que vem, se não aparecer algo já vou deixar meio de lado, mas também tem muitas vezes que o jogador para muito cedo, muitas vezes o jogador vira jogador muito tarde, e essa que é, e fica aquele ponto de interrogação (Rodrigo, 16 anos).

Ah, eu vou fazer até uns 18 anos, até chegar nos juniores, por aí. Se não der nada certo eu pretendo parar. [...] Aí eu pretendo fazer uma faculdade, ou pretendo trabalhar com minha avó mesmo que eu já falei, ou prefiro fazer um curso, um... alguma coisa para mim... abrir uma mecânica, eu gosto de carro, disso, essas coisas (Kaio Alves, 16 anos).

A proximidade da idade tida como marco da maioridade civil no país, denotada pelos 18 anos, como indicador do período de interrupção do investimento na carreira futebolística, é recorrente na fala de muitos dos garotos entrevistados e aponta para uma necessidade desses meninos, muitas vezes provenientes de famílias de baixa renda, em auxiliar na complementação da renda familiar. Em estudo realizado com jogadoras de futebol, Souza Júnior (2013) aponta o inestimável valor simbólico atribuído por essas futebolistas à carteira de trabalho, que não faz parte das condições vivenciadas pelas atletas do futebol feminino no país, da mesma forma que ainda se encontra distante da realidade dos garotos participantes do presente estudo.

Quando questionados sobre o que seria mais doloroso em suas vidas: *“perder um campeonato importante ou reprovar um ano escolar?”*, oito entrevistados revelam que consideram mais doloroso perder o campeonato, enquanto seis informam que reprovar um ano os afeta mais do que a derrota esportiva. De uma maneira geral as justificativas de ambos os posicionamentos é recorrente entre os entrevistados e se equiparam em ambos os pólos:

Por que na escola você pode fazer de novo, sabe, a gente pode aprender de novo, mas num campeonato, vai ser difícil conquistar, de novo (Breno, 16 anos).

Ah, porque campeonato se você perder você não tem outro que você pode fazer igual daquele lá. Se for título vai ser eterno. Agora aqui na escola você pode fazer outro ano normal (Kaio Alves, 16 anos).

Eu, não, pra mim no caso, de verdade mesmo seria na escola. Porque eu já joguei muitos campeonatos, antes chorava; agora, igual, já to maior já, fico triste, mas não é tudo aquilo. Mas na escola é um ano perdido, campeonato você vai ter outro, na escola você perde um ano, você praticamente... é complicado (Rodrigo, 16 anos).

Ao indicar o ônus de ter que cursar novamente todo um ano escolar, tanto Rodrigo como aqueles que o acompanham nessa perspectiva, assumem uma racionalidade instrumental, mensurando o alto custo em especial relacionado à dimensão temporal que implicaria a reprovação. Entendemos que tal lógica encontra respaldo na opinião pública de uma maneira geral e consideramos que seria sensato a adotarmos sem maiores restrições. Contudo, a recorrente opção dos jovens futebolistas pela conquista do campeonato, mesmo mediante o ônus da reprovação escolar, nos levou a refletir sobre o valor social atribuído à escola, e em especial à escola pública, no

sentido de balizar a concretização de projetos de vida bem sucedidos, em especial nos círculos de pertencimento desses jovens, em sua grande maioria provenientes de bairros periféricos da cidade e de escolas da rede pública.

A ausência dessas referências de profissionais bem sucedidos alicerçados pela trajetória escolar contribui para que esses jovens apóiem-se na incerta expectativa de uma ascensão social pelo futebol, que permitiria o usufruto de todas as benesses desfrutadas pelos jogadores famosos que são seus ídolos, que tem suas vidas super expostas pelos meios de comunicação, veiculando valores relacionados ao consumo e à ostentação, comuns no atual modelo de sociedade do espetáculo.

O problema, segundo Soares et al. (2011), é que grande parte dos atletas que avançam até a categoria sub-20 não são aproveitados em equipes profissionais, ficando à margem do mercado da bola e, nesse caso, aqueles que fracassam nessa empreitada, com baixo capital cultural, encontram dificuldades para se recolocar no mercado fora do esporte (SOUZA et al., 2008).

Rocha et al. (2011) admitem que é evidente que o investimento nos estudos amplia as chances de uma carreira melhor sucedida em diferentes áreas na vida adulta, contudo, a recompensa está distante da perspectiva imediatista de muitos jovens que, vislumbram no futebol uma falsa impressão de possibilidade de concretização imediata de seus desejos de mobilidade econômica e social, contemplando suas ambições de usufruir do universo do consumismo, da ostentação e da espetacularização de seus feitos. E tudo isso com a suposta vantagem de não depender do “doloroso ônus” do investimento prolongado na formação escolar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar das dificuldades para conseguirem se tornar jogadores de futebol profissional, como as rotinas de treinamento, base material limitada, muita concorrência e a grande importância de se ter um empresário, relatadas pelos entrevistados, fica nítido que a maioria ainda sustenta esse sonho, que se confunde com seus projetos de vida.

Categorizamos como sonhos os aspectos citados pelos entrevistados por possuírem poucos elementos que configurem de fato projetos de vida. Não há perspectiva de futuro condizente a um planejamento em longo prazo que seja

constituído por metas a serem alcançadas. As possibilidades de realização não estão contextualizadas no cenário do qual pertencem esses garotos. O caminho é caracterizado por incertezas e esses jovens não se configuram como os protagonistas para a concretização desses planos. Do sonho à configuração da realidade, os jovens futebolistas vivenciam um processo de formação no qual a escola é considerada importante para todos, porém para a maioria é vista como uma ferramenta para o plano alternativo, caso não se tornem jogadores profissionais, de conseguirem um trabalho no futuro. Trabalho este, que tende a se inserir no cenário dos empregos flexíveis e precários em virtude do baixo capital cultural tributário do investimento limitado na formação escolar.

Fica evidente ainda essa inclinação dos jovens pela carreira futebolística, quando, mesmo destacando a importância da escola em seus projetos de vida, a maioria dos entrevistados preferiu perder um ano escolar a um campeonato, indicando que a escola não se configura como uma perspectiva de projetos de vida bem sucedidos no contexto de boa parte desses jovens.

REFERÊNCIAS

BOGDAN, Roberto C; BIKLEN, Sari, K. **Investigação qualitativa em educação**. Porto: Porto Editora, 1994.

CHAN-VIANNA, Alexandre Jackson. **Meninas que jogam bola**: identidades e projetos das praticantes de esportes coletivos de confronto no lazer. Tese (Doutorado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 2010.

COBOS, Paulo. No país da bola, futebol se torna um subemprego. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 14 mar. 2010, Caderno Esporte, p. D1. Disponível em: <<http://acervo.folha.com.br/fsp/2010/03/14/20>> Acesso em: 21 set. 2012.

DAMO, Arlei S. **Do dom à profissão**: a formação de futebolistas no Brasil e na França. São Paulo: Aderaldo & Rothschild Ed., Anpocs, 2007.

DAYRELL, Juarez. O jovem como sujeito social. **Revista Brasileira de Educação**. Rio de Janeiro, n. 24, p. 40-52. Dez., 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n24/n24a04.pdf>>. Acesso em: 03 abr. 2014.

FIFA. Sobre a FIFA. Organização. **Federações**. Disponível em: <<http://pt.fifa.com/aboutfifa/organisation/associations.html>>. Acesso em: 06 abr. 2014.

GIGLIO, Sérgio S.; MORATO, Márcio P.; STUCCHI, Sérgio; ALMEIDA, José J. G. O dom de jogar bola. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 14, n. 30, p. 67-84, jul./dez. 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ha/v14n30/a03v1430.pdf>> . Acesso em: 06 abr. 2014.

GOMES, Romeu. A análise dos dados em pesquisa qualitativa. In: MINAYO, Maria, C. de S. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994, p. 67-80.

LEÃO, Geraldo; DAYRELL, Juarez T.; REIS, Juliana B. Juventude, projetos de vida e ensino médio. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 32, n. 117, p. 1067-1084, 2011. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-73302011000400010&script=sci_arttext>. Acesso em: 03 abr. 2014.

NEGRINE, Airton. Instrumentos de coleta de informações na pesquisa qualitativa. In: MOLINA NETO, Vicente; TRIVIÑOS, Airton N. S. (Org.). **A pesquisa qualitativa na educação Física: alternativas metodológicas**. Porto Alegre: Universidade/UFRGS/Sulinas, 1999, p. 61-93.

ONU. Conheça a ONU. **Países membros**. Disponível em: <<http://www.onu.org.br/conheca-a-onu/paises-membros/>>. Acesso em: 06 abr. 2014.

PAULO ANDRE. **O jogo da minha vida: histórias e reflexões de um atleta**. São Paulo: LeYa, 2012.

ROCHA, Hugo P. A.; BARTHOLO, Tiago L.; MELO, Leonardo B. S.; SOARES, Antonio J. S. Jovens esportistas: profissionalização no futebol e a formação na escola. **Motriz**, Rio Claro-SP, v. 17, n. 2, p. 252-263, abr./jun. 2011. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/motriz/v17n2/04.pdf>>. Acesso em: 06 abr. 2014.

SOARES, Antonio J. G.; MELO, Leonardo B. S.; COSTA, Felipe R. da; BARTHOLO, Tiago L.; BENTO, Jorge O. Jogadores de futebol no Brasil: mercado, formação de atletas e escola. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Florianópolis, v. 33, n.4, p. 905-921, out/dez 2011. Disponível em: <<http://rbceonline.org.br/revista/index.php/RBCE/article/view/902/704>>. Acesso em: 04 abr. 2014.

SOUZA, Camilo A. M.; VAZ, Alexandre M.; BARTHOLO, Tiago L.; SOARES, Antonio J. G. Difícil reconversão: futebol, projeto e destino em meninos brasileiros. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 14, n. 30, p. 85-111, dez. 2008. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/ha/v14n30/a04v1430.pdf>>. Acesso em: 03 abr. 2014.

SOUZA JÚNIOR, Osmar Moreira de; FERREIRA, Bruno Martins; COUTINHO NETTO, João Batista. Quem não sonhou em ser um jogador de futebol?: apontamentos sobre a formação de futebolistas na perspectiva de treinadores de categorias de base. **Revista Mineira de Educação Física**. Viçosa-MG, Edição Especial, n. 9, p. 920-925, 2013.

SOUZA JÚNIOR, Osmar Moreira de. **Futebol como projeto profissional de mulheres: interpretações da busca pela legitimidade**. 2013. 320 f. Tese (Doutorado em Educação Física)-Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2013.

VELHO, Gilberto. **Individualismo e cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea**. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1987.